

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: 104

Data: 02/08/87

Pg.: 26

## Fazenda invadida por índios tem título legal

BOA VISTA  
AGÊNCIA ESTADO

Palco de um dos episódios mais tensos na disputa de terras entre índios e brancos em Roraima, a fazenda Guanabara tem título que data de 1918, segundo documento arquivado no Cartório Imobiliário de Boa Vista, contrariando as informações dadas pela antropóloga Maria Guimar de Melo, que trabalha na Funai do Território. Esse título, que pertence hoje ao pecuarista Newton Tavares, foi reconhecido pelo Supremo Tribunal Federal em decisão publicada em maio de 1983.

Por outro lado, a fazenda não está em área indígena, como afirma a Igreja de Roraima. Uma certidão dada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em 1º de março de 1984, diz: "O imóvel denominado fazenda Guanabara, na gleba Normandia, encontra-se posicionado da seguinte maneira: conforme mapa fornecido pela Funai, referente às áreas Raposa/Serra do Sol, a posse encontra-se fora da área de pretensão daquela Fundação".

De posse dessas garantias, o fazendeiro afirmou em Boa Vista que, se os índios voltarem a fazer ameaças, vai pedir força policial para retirar todos eles de suas terras. "Mas não pretendo fazer isso, pois iria criar um grave problema social. Espero que a Funai resolva essa questão com os índios", disse Tavares.

Mas os macuxis que invadiram a fazenda, seqüestraram e agrediram três peões não parecem dispostos a negociar uma saída pacífica para a questão. Eles foram libertados da Penitenciária Agrícola de Boa Vista mediante *habeas corpus* impetrado pela Funai e continuam reunidos na maloca Santa Cruz, sempre com a assessoria de alguns padres da diocese de Roraima.

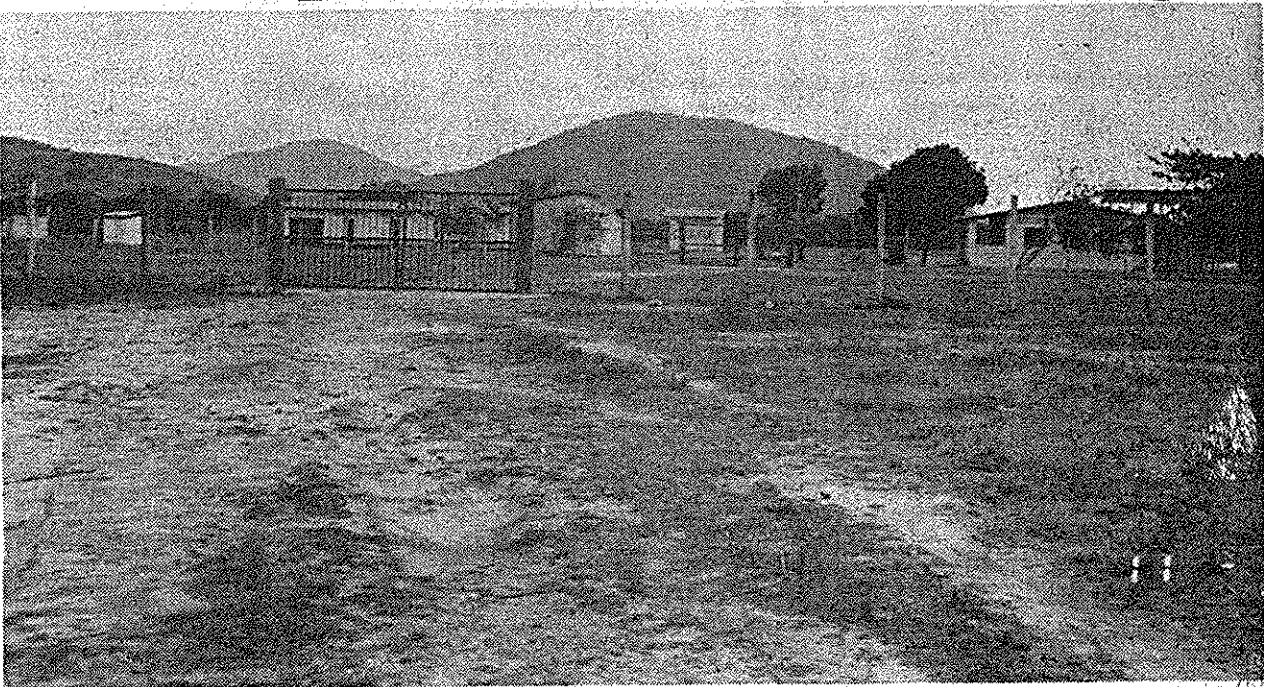
A Igreja do Território ainda não se conforma com a prisão dos índios. O bispo, d. Aldo Mongiano, insiste em afirmar que na sua viagem à maloca encontrou inúmeros índios barbaramente espancados e ouviu deles graves denúncias. Mongiano garante que homens, mulheres e crianças foram maltratados e entre eles há um índio com suspeita de fraturas de costelas e uma mulher grávida de três meses, espancada no ventre e nos seios. Em comunicado aos fiéis, Mongiano afirma que não concorda com a violência empregada, nem mesmo com a dos índios contra os três peões. Mas ressalta que "fatos como estes demonstram a situação por que passam os índios do Território, vítimas de secular violência, massacre e expolição, que só começará a ter fim com a demarcação de suas terras e a conseqüente retirada dos que as ocupam indevidamente".

Os órgãos de segurança, federais e territoriais, conseguiram apreender alguns documentos que apontam a Igreja como um dos instigadores da invasão à fazenda Guanabara. Para um oficial, "a decisão da Funai de romper os convênios que permitiam o livre trânsito dos padres nas áreas indígenas, vai fazer com que a Igreja aumente ainda mais os métodos que vem usando para instigar os índios contra os brancos". Para esse oficial, "a Igreja está desesperada, pois sabe que vai perder o domínio sobre os índios".

Ele cita um documento reservado do Conselho Indigenista Missionário para mostrar uma ação que a Igreja está desenvolvendo na região amazônica e que leva o nome de "Projeto dominante". Mas não quis revelar os pontos básicos desse projeto, alegando que são informações que devem ser mantidas em sigilo para não atrapalhar o trabalho dos órgãos federais. Há ainda um outro, denominado "Projeto Popular", através do qual o Cimi tem procurado fazer com que as comunidades indígenas se levantem contra os brancos. Numa das páginas está escrito: "A luta pela terra tem contribuído para o avanço do movimento".

Com relação a Roraima, o documento do Cimi reproduz relatório da Diocese do território, que critica a Igreja por esta não ter "organizado as forças populares na hora oportuna, há 15 anos atrás". O relatório admite que "dentro da mesma Igreja de Roraima aquela parte que trabalha com índios também foi hostilizada. No ano passado, durante a campanha política, foi feita uma forte pressão de envolvimento dos índios na política por parte do Cimi, Uni ze setores da Igreja de Roraima. Não foram ouvidos aqueles que estavam diretamente envolvidos no trabalho com os índios. Foi abuso de poder (do Cimi e UNI) para fazer pressão".

Mas a Igreja vai encontrar problemas se quiser continuar com esse "projeto dominante", segundo afirmam três índios que militam na política de Roraima. Odilon Ernesto Malheiros, vice-prefeito, Caetano Raposo e Jaci Fonteles, vereadores, todos do município de Normandia, onde está a maloca da Santa Cruz, acusam os padres de estarem pregando a discórdia entre índios e brancos.



Fazenda Guanabara, em Normandia, invadida pelos macuxis

Tribuna de Roraima